

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTEGRADA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

SANTARÉM SOB O OLHAR DOS VIAJANTES (1825-1850)

Marileia Oliveira Domingos

SANTARÉM

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTEGRADA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

SANTARÉM SOB O OLHAR DOS VIAJANTES (1825-1850)

Trabalho de conclusão de curso entregue a Universidade Federal do Oeste do Pará como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em História e Geografia com ênfase em História, sob orientação do Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima.

Marileia Oliveira Domingos

SANTARÉM

2017

Marileia Oliveira Domingos

SANTARÉM SOB O OLHAR DOS VIAJANTES (1825-1850)

Aprovado em _____ de maio de 2017.

Orientador

Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima
Universidade Federal do Oeste do Pará

Avaliador

Prof. Dr. Karl Heinz Arenz
Universidade Federal do Pará

SANTARÉM

2017

DEDICATÓRIA

Para meus filhos, Bryan, Jennifer e Stephanie com todo amor e carinho.

Amo vocês!

In memoria da minha mãe Maria da Conceição.

Eternas saudades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que esteve comigo em todos os momentos da minha vida, foi meu porto seguro, minha fortaleza, me deu amparo, proteção e força para prosseguir.

À minha família, principalmente a minha mãe-avó, Petronilha Oliveira que sempre fez o que pôde para que eu pudesse ter uma vida digna; às minhas tias Neusa e Santana que são exemplos para mim e me ajudaram como puderam na minha criação; às minhas primas que sempre foram muito presentes em minha vida; aos amigos de infância; a todos, meu muito obrigada.

Minha eterna gratidão ao meu esposo que me incentiva e me faz acreditar no melhor, está sempre ao meu lado, obrigada Masinho Lima por ser companheiro e amigo. Aos meus filhos Bryan, Jennifer e Stephanie meu muito obrigada pela compreensão, amor e carinho, amo vocês.

Aos colegas de trabalho obrigada pelo apoio e paciência.

A todos os amigos e colegas que fizeram parte dessa trajetória o que posso dizer é que foram tempos inesquecíveis e que aprendi muito com vocês, principalmente meus colegas e amigos da turma História 2011.

Agradeço a minha irmã do coração Luziane Lobato, que esteve ao meu lado desde o início da graduação sempre me ajudando e dando forças para prosseguir, uma amiga a qual tenho grande estima, obrigada por ser companheira e colaborar comigo nesse trabalho.

Obrigada Adailton de Jesus pela paciência e por tantas ajudas prestadas a mim, estando sempre disposto a me ajudar.

Andrei Nunes que sempre foi parceiro e amigo obrigada por tudo.

Obrigada Odson Costa por todos os incentivos e parcerias na graduação.

Rosilene Pereira obrigada por todo o incentivo e apoio.

Meus agradecimentos a Rodrigo Caetano por ser um ótimo avaliador de ideias, um grande incentivador, sempre colaborando, me enviando textos e livros relacionados ao meu tema, meu muito obrigada.

Meus agradecimentos à Universidade Federal do Oeste do Pará, seu corpo docente, direção e administração, que realizam seu trabalho com dedicação, trabalhando para que nós, alunos, possamos contar com um ensino de excelente qualidade. Agradeço a todos os professores do curso que de forma significativa contribuíram para a minha formação.

Aos professores Agnaldo Rodrigues e Magda Costa meu muito obrigada, vocês fizeram parte do início da minha formação acadêmica.

Obrigada professora Isabel Creão pela ajuda prestada na elaboração inicial do meu projeto de pesquisa.

Agradeço de coração ao meu orientador Prof. Dr. Douglas Mota pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelo incentivo, paciência e orientação a mim concedida, obrigada por confiar em mim e me fazer acreditar que eu posso.

Enfim, meu muito obrigada a todos que de alguma forma contribuíram com meu crescimento tanto de vida quanto acadêmica.

Obrigada meu DEUS.

EPÍGRAFE

**“A verdadeira viagem de
descobrimiento não consiste em
procurar novas paisagens, mas em ter
novos olhos”.**
(Marcel Proust)

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo caracterizar a cidade de Santarém/PA a partir do olhar de três viajantes estrangeiros que estiveram na Amazônia ao longo do século XIX. O recorte temporal escolhido foi o período de 1825 a 1850, tendo como base os relatos de Alfred Russel Wallace, Henri Walter Bates e Hércules Florence, viajantes naturalistas que deixaram registros narrativos de suas viagens pela Amazônia. Para o desenvolvimento da pesquisa foram elaboradas fichas temáticas aplicadas a cada uma das narrativas e, num segundo momento, estabeleceu-se a comparação entre tais fichas visando alcançar o objetivo do estudo. Inicialmente, discute-se o uso das narrativas como documentos históricos e a produção do gênero para o período oitocentista, além de caracterizar os textos selecionados para a análise. Em seguida, apresenta-se o olhar dos viajantes sobre Santarém, identificando as descrições sobre a chegada à cidade e as percepções sobre o lugar em termos da população, do espaço, das construções, das festas e do modo de viver dos habitantes.

Palavras-chaves: Santarém; Narrativas de viagem; Século XIX.

SUMÁRIO

Introdução.....	p. 10
Capítulo 1. As narrativas de viagem como fontes históricas: os relatos de viajantes estrangeiros na Amazônia do século XIX.....	p. 14
1.1. Os relatos de viajantes estrangeiros na Amazônia do século XIX.....	
1.1.1. Alfred Russel Wallace.....	
1.1.2. Henry Walter Bates.....	
1.1.3. Hércules Florence.....	
Capítulo 2. O olhar dos viajantes sobre Santarém.....	p. 29
Considerações Finais.....	p. 42
Referências bibliográficas.....	p. 46

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Item	Página
Quadro 1. Viajantes estrangeiros em Minas Gerais – 1809-1870.....	24
Quadro 2. Viajantes naturalistas na Amazônia no século XIX.....	25
Figura 1. Aldeamento de índios em Santarém.....	36

INTRODUÇÃO

A pesquisa que se apresenta tem raízes nos primeiros períodos cursados na Universidade Federal do Oeste do Pará, nas disciplinas do Centro de Formação Interdisciplinar (CFI), nas quais foi possível ter contato com uma história da Amazônia até então desconhecida, caracterizada pela presença de viajantes espanhóis, tais como Vicente Pinzón e Francisco Orellana, homens que deixaram importantes relatos sobre a região amazônica, com especial interesse para as informações sobre a região do Tapajós¹. A partir desta experiência, somada aos textos estudados nas disciplinas de “História da Amazônia”, com destaque para as reflexões de Auxiliomar Silva Ugarte sobre o imaginário europeu relativo ao novo mundo, estruturou-se o desejo de investigar de forma específica a experiência de viajantes europeus na região amazônica, buscando identificar seus olhares sobre a cidade de Santarém e a região do Tapajós.

O presente trabalho se justifica por haver importantes lacunas em relação aos estudos acerca da cidade de Santarém no século XIX, circunstância que também se observa para a época colonial e para a história recente. Tal situação contrasta com o levantamento bibliográfico feito para a pesquisa, o qual identificou estudos relevantes sobre outras regiões do país e, na região Norte, sobre as cidades de Manaus e Belém, os quais se utilizaram dos mesmos conjuntos documentais, isto é, as narrativas de viajantes naturalistas. Esse é o caso, por exemplo, de Simone Villanova² e Fabrício Herbeth Teixeira da Silva³, que em seus trabalhos utilizam-se dos textos de viagens para compreender práticas alimentares, hábitos culturais, identificar elementos arquitetônicas e a ocupação espacial da cidade, além de notar outros aspectos do vivido nas referidas cidades amazônicas oitocentistas. Porém, como indicado, por mais que diferentes viajantes tenham visitado a cidade de Santarém, ainda não se encontram reflexões com base nessas narrativas para a cidade.

Nesse contexto, questiona-se: quais as visões que os viajantes europeus descreviam dos moradores deste lado do oceano? Como era visto o desenvolvimento da

¹ LOUREIRO, Violeta Refkaletsky. Introdução aos Estudos Amazônicos. In: MOURA, José Mauro Souza & FARIA, Dóris Santos de (orgs.). *Módulo Interdisciplinar, Estudos Integrados da Amazônia*. Santarém: Ufopa, 2010, p.15-35.

² VILLANOVA, Simone. Pescas, piqueniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar dos viajantes do século XIX. In: CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz de & NORONHA, Nelson Matos de. Org. *A Amazônia dos Viajantes: história e ciência*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011.

³ SILVA, Fabrício Herbeth Teixeira da. “Aos nossos olhos europeus”: *alimentação dos paraenses nas crônicas de viajantes do século XIX*”. Viagens, Viajantes e Deslocamentos. Projeto História nº 42. Junho de 2011.

sociedade por eles? Como dito, são questões que já foram exploradas através das narrativas de viagens para outras regiões e períodos históricos, mas vejo a necessidade de promover uma pesquisa local, pelo fato de haver muitos trabalhos direcionados a outras regiões e uma ausência de estudos sobre Santarém e a região do Tapajós. Percebo a necessidade de explorar essas fontes para entender as especificidades de Santarém e, conseqüentemente, buscar entender o dia a dia daqueles que habitavam a cidade.

Os relatos dos viajantes trazem uma fértil descrição dos locais visitados, característica que chama a atenção pelo fato destes detalharem cada aspecto das cidades em que se acomodavam. A partir das narrativas é possível ter uma visão de como era a vida das pessoas que estavam naqueles locais, além dos aspectos geográficos, culturais, sociais e econômicos da cidade. Além disso, tais documentos permitem observar as condições materiais do deslocamento, as concepções de mundo de um dado período, as percepções do local por onde esses personagens transitavam, elementos que possibilitam identificar as ideologias e as visões estrangeiras acerca do imaginário da época para a região amazônica.

Paralelamente, também se colocou o interesse em entender o que motivava a vinda desses viajantes até a região amazônica. Ao longo da pesquisa foi possível observar que o fluxo de viajantes estrangeiros para a Amazônia, desde o período das navegações, foi constante, existindo variações entre as narrativas escritas no século XVI, diretamente relacionadas ao imaginário fantástico europeu sobre o novo mundo, e os relatos de viagem escritos no século XIX, muitos dos quais produzidos por viajantes naturalistas.

Foi nesse sentido que estruturei esta proposta de pesquisa, que visa fazer uma análise de três relatos dos viajantes naturalistas do século XIX, nos períodos de 1825-1850, com o objetivo de caracterizar a cidade de Santarém a partir do olhar de três viajantes. Para isso, a documentação escolhida não poderia deixar de ser a própria literatura de viagem desses naturalistas. O presente trabalho visa analisar alguns aspectos por eles relatados enquanto estavam em Santarém, como a questão urbanística, o acesso à cidade e algumas questões sociais que lhes chamou a atenção.

Durante o século XIX muitos viajantes estrangeiros atravessaram a Amazônia e deixaram registros escritos de suas viagens. Deste universo, selecionei três narrativas que tratassem de Santarém e que sustentassem os objetivos do estudo proposto, garantindo igualmente a viabilidade da pesquisa. Os textos selecionados foram de Alfred Russel Wallace, Henry Walter Bates e Hércules Florence.

Primeiramente, analisei a obra *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, de Alfred Russel Wallace (1823-1913). A edição usada foi publicada em 2004 pelo Conselho Editorial do Senado Federal e conta com notas de Basílio de Magalhães e informações sobre a vida de Alfred Russel Wallace. Como segunda narrativa fiz uso de *Um naturalista no rio Amazonas*, de Henry Walter Bates. Trata-se de uma tradução de Regina Régis Junqueira, com apresentação de Mário Guimarães Ferri, publicada por editoras de Belo Horizonte e de São Paulo em 1979, a partir da 4ª edição da obra feita por John Murray, em Londres, no ano de 1876. O terceiro e último livro analisado foi *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*, de Hércules Florence. O livro, assim como o de Alfred Russel Wallace, também faz parte das edições do Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela mesa diretora em 31 de janeiro de 1997, que considera pertinente a divulgação de obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil.

Para o desenvolvimento da análise das narrativas foram elaborados primeiramente fichamentos temáticos que tinham como eixos de análise os aspectos sociais, culturais e políticos, buscando evidenciar também as referências ao espaço urbano, aos grupos sociais que ali se encontravam, as atividades que estes grupos praticavam enquanto sociedade santarena. A partir da identificação desses dados e da coleta dessas informações foi estabelecida uma segunda etapa da investigação pautada na comparação e no contraste entre as narrativas a fim de permitir a observância de relatos comuns e divergentes sobre a experiência desses viajantes sobre a cidade de Santarém.

Assim sendo, o primeiro capítulo foi denominado *As narrativas de viagem como fontes históricas: os relatos de viajantes estrangeiros na Amazônia do século XIX*, e tem por finalidade mostrar a relevância que os relatos dos diversos viajantes que passaram pelo Brasil e, em especial, pela região amazônica tem tido dentro da historiografia. Demonstra que as utilizações desses relatos deixaram de ser apenas questões de âmbito narrativo para se tornarem análises que problematizam as percepções que estes viajantes retratavam, dando assim a possibilidade de explorar as mudanças e continuidades dessas sociedades que foram por eles retratadas. O capítulo também demonstra a visão que os europeus construíram sobre a Amazônia, o seu imaginário em relação a essa região tão distante de sua realidade e que causava uma mistura de fascínio, medo e misticismo na população europeia. Apresenta as motivações desses viajantes em querer se aventurar pela região e o que era necessário para que as

viagens tivessem êxito, demonstrando os diversos caminhos traçados por esses estudiosos antes mesmo de chegarem ao local desejado para suas pesquisas. Por fim, o capítulo caracteriza os relatos de viagem produzidos no período oitocentista sobre a Amazônia, destacando as narrativas de Wallace, Bates e Florence.

Em seguida, o segundo capítulo denominado *O olhar dos viajantes sobre Santarém*, traz a abordagem dos relatos sobre a cidade, destacando as visões sobre como os viajantes chegaram à localidade, o que perceberam sobre a infraestrutura da mesma, o que lhes chamou a atenção em relação aos costumes locais e as considerações feitas por eles. Busca-se analisar as proximidades e distanciamentos quando se trata dos aspectos que são mencionados por esses viajantes sobre a cidade de Santarém em relação a outros locais visitados por esses mesmos naturalistas escolhidos para a pesquisa, trazendo assim uma perspectiva que vai além da narrativa e tentando demonstrar um caminho mais analítico com a utilização dessas descrições.

Neste sentido o presente trabalho pretende demonstrar que ao se observar as narrativas de viagens há a viabilidade de extrair destas mais que simples relatos e descrições, encontrando-se aí a possibilidade de analisarmos o cotidiano das cidades em formação durante o período em que esses viajantes estiveram visitando-as e, assim, perceber continuidades ou não de determinados costumes que compunham essas sociedades. Do mesmo modo, buscou-se demonstrar como eram os hábitos sociais da população santarena, as belezas naturais que chamavam a atenção desses viajantes, como estes se relacionaram com a população local, como se constituía a cidade em termos de infraestrutura, dinâmica social e cultural, aspectos que eram retratados por esses viajantes e que mereceram ser mencionados ao longo de suas narrativas.

Assim, em síntese, procurou-se investigar como a cidade de Santarém se apresentava ao olhar de três viajantes naturalistas, buscando, dessa maneira, contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a cidade e a região do Tapajós ao longo do século XIX.

CAPÍTULO 1. AS NARRATIVAS DE VIAGEM COMO FONTES HISTÓRICAS: OS RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS NA AMAZÔNIA DO SÉCULO XIX

A partir da ampliação da noção de fonte histórica e da inserção de novos documentos no cotidiano do ofício do historiador, movimento que marcou a historiografia no século passado, alguns textos até então colocados em segundo plano pelos profissionais da História, ganharam novos olhares e uma valorização acentuada. Esse é o caso, por exemplo, da literatura de viagem, gênero literário por vezes associado a relatos inverídicos, parciais, fantasiosos e, conseqüentemente, distante da objetividade e da “verdade” buscada pelos historiadores ainda orientados pelo paradigma que estruturava a área em inícios do século passado⁴.

Conforme apresenta Maria Elizabeth Chaves de Mello, o termo “literatura de viagem” suscita ambigüidade, dando ao relato um status de gênero, que merece ser problematizado. Segundo a mesma autora, “narrativa de viagem” surge junto com a imprensa e trata, inicialmente, da única coisa que valia a pena ser narrada, aos olhos renascentistas, pós-medievais: as peregrinações, as cruzadas, as viagens à Terra Santa⁵. Em linhas gerais, existem três aspectos fundamentais nos escritos dos viajantes: ver, descrição completa e pormenorizada de tudo o que se viu, e publicação visando preservar a memória⁶.

Na atualidade, o uso da literatura de viagem tem permitido a discussão das realidades vivenciadas pelos viajantes, das condições materiais do deslocamento, das concepções de mundo de um período e das percepções do local por onde esses personagens transitaram. Nesse sentido, as narrativas permitem um retrato de como se constituíam as sociedades que eram visitadas por esses viajantes, sendo possível notar dinâmicas sócio-políticas, atividades econômicas, práticas culturais, entre outros aspectos de uma determinada região. Esta perspectiva é enfatizada por Carla Oliveira de Lima ao discutir a referida documentação no século XIX brasileiro. Para a autora, a literatura de viagem constitui um manancial de informações sobre as regiões do

⁴ ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luís. El ‘relato de viajes’: hitos y formas en la evolución del género, *Revista de Literatura*, 2011, enero-junio, vol. LXXIII, n.145, p.15-21.

⁵ MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. O relato de viagem – narradores, entre a memória, o fictício e o imaginário, *Gragoatá*, Niterói, n.28, 1º sem. 2010, p.142.

⁶ ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*. São Paulo: Siciliano, 1991, p.82 apud MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. O relato de viagem – narradores, entre a memória, o fictício e o imaginário, *Idem*, p.143.

império⁷, podendo através desses documentos identificar informações cruciais para a compreensão da organização das sociedades.

Nesse cenário de potencialidades, cabe considerar o uso da documentação. Carla Lima problematiza a abordagem que tem sido dispensada às narrativas de viagem como fonte. A autora argumenta que a utilização desses relatos se dava, em grande parte, apenas para caracterizar os locais visitados, abrindo caminhos para serem descritos aspectos geográficos, econômicos, sociais e culturais, sem ao menos serem tratados de forma analítica. Na visão de Lima, alguns trabalhos se limitaram a buscar nos textos referências para se reconstituir determinada época e para identificar modos de vida no Brasil, sem considerar, por exemplo, questões como as motivações do autor, a lógica interna da narrativa ou, ainda, o próprio contexto europeu que causou suas viagens⁸.

Em linhas gerais, para a autora, é importante que o historiador considere as motivações das viagens e analise, por exemplo, a percepção dos viajantes diante do que presenciavam e as referências teóricas e culturais que traziam quando partiam de seus lugares de origem para terras distantes. Desta maneira, é necessário problematizar esses relatos de viagem ultrapassando a mera descrição narrativa e buscando perspectivas que estão nas entrelinhas dos relatos.

Tais apontamentos aproximam-se dos apresentados por Elisa Freitas Schemes. A autora ressalta que os historiadores avançaram no entendimento do relato de viagem como fonte documental, problematizando-o, cruzando-o com outras fontes para pensar um contexto histórico, questionando e interpretando a veracidade/fidedignidade das narrativas⁹. Constroem-se, assim, abordagens das narrativas de viagem a partir de um olhar mais crítico e menos factual, extraíndo desses relatos aspectos mais profundos para se compreender, por exemplo, as formações cotidianas que as populações dos locais visitados vivenciavam, contribuindo, desta maneira, para uma análise mais ampla da documentação. Conforme a autora, faz-se necessário situar cada viagem ou conjunto de viagens em sua relação direta com o contexto histórico em que estão inseridas¹⁰.

Nesta perspectiva, é importante mencionar que as viagens realizadas não se davam de forma aleatória e sem nenhum tipo de preparo. Havia requisitos pré-

⁷ LIMA, Carla Oliveira de. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia oitocentista: viagem, ciência e interações*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em História das Ciências e da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2014. p.50.

⁸ *Ibidem*, p.50.

⁹ SCHEMES, Elisa Freitas. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. In: *Anais XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios*. Florianópolis – Santa Catarina, 2015, p. 4.

¹⁰ *Ibidem*, p.1.

estabelecidos que determinavam como deveriam ser coletadas as informações durante a realização dessas viagens. Como menciona Lorelai Kury:

Os bons viajantes, desde o século XVIII, seguiam alguns procedimentos básicos comuns, como as anotações precisas em um diário, a coleta e a conservação dos produtos e, mais que isso, perseguiram a arte de bem indagar. Em meados do século XIX, quando já havia especialização bem desenvolvida na história natural, o viajante continuava sendo aquele que pesquisava muito mais que o seu domínio estrito¹¹.

A viagem é uma experiência que atravessa a própria história da humanidade e em diferentes momentos históricos as sociedades planejaram e empreenderam viagens com objetivos, formas de organização e financiamento distintos, produzindo, inclusive, textos relativos aos deslocamentos¹². Observando as narrativas do século XIX, constata-se que havia uma preocupação em retratar de maneira fidedigna as impressões que saltavam aos olhos dos viajantes, bem como recolher e armazenar de forma adequada os materiais que eram coletados para serem enviados aos locais de origem dos viajantes aqui instalados.

Como dito anteriormente, as viagens não eram feitas de maneira aleatória, havia um jogo de interesses que norteavam as escolhas dos lugares aonde se destinavam esses roteiros, bem como se estabeleciam uma série de contatos para garantir a autorização para adentrar nas regiões que se pretendia vasculhar. Neste caso é importante retomar as considerações apresentadas por Carla Oliveira de Lima:

Os viajantes estrangeiros que escolheram o Brasil, mais especificamente o extremo norte do país, para ter sucesso em seu empreendimento de viagem e satisfazer suas ambições por espécies da fauna e da flora, foram obrigados a estreitar laços com as sociedades tradicionais, aprender técnicas e hábitos locais mais adequados para sua sobrevivência¹³.

¹¹ KURY, Lorelai (org). *Comissão científica do Império*. 1859 – 1861. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda, 2009, p 202 Apud ANTUNES, Anderson Pereira. A rede dos invisíveis: Uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866). *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios*. Florianópolis – Santa Catarina, 2015.

¹² SCHEMES, Elisa Freitas. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. *Idem*, p.4. Sobre as mudanças do gênero “relato de viagens”, ver: ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luís. El ‘relato de viajes’: hitos y formas en la evolución del género, *Idem*, p.15-34.

¹³ LIMA, Carla Oliveira de. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia oitocentista: viagem, ciência e interações*. *Idem*, p. 38.

Havia toda uma preparação para o acontecimento dessas viagens por esses estudiosos e, como enfatiza José Jerônimo de Alencar Alves, os naturalistas se depararam com uma região drasticamente diferente de seu lugar de procedência no que se refere à natureza e à cultura¹⁴. Isso significa que além de enfrentarem longos percursos para chegar ao seu destino de pesquisa, esbarravam em situações adversas que não faziam parte de seu arcabouço cultural. Em se tratando da região amazônica, a escolha dos viajantes naturalistas por este local se dava principalmente pelas informações que obtinham através de outros viajantes que por aqui passaram e por suas características únicas que chamava a atenção daqueles que a pretendiam explorar.

Para viajantes como Alfred Russel Wallace, a visão que possuíam da região perpassava por outros estudiosos e aguçava seu interesse em presenciar com seus próprios olhos o que lhes era vislumbrado por outros relatos. Como destaca Alves:

Essas imagens o faziam acreditar que, ali, sob a grandeza da floresta, vivia uma variedade enorme de seres cujo conhecimento seria de grande importância para o avanço da história natural. O desejo de conhecer os trópicos era científico e ao mesmo tempo estético, pois imaginava que nada existiria sob o sol tropical que não fosse diferente do resto do mundo e, mais do que isso, extraordinário fantástico e maravilhoso. “Queria ver com meus próprios olhos todas as maravilhas, cujo conhecimento, através da leitura das narrativas dos viajantes, tanto me deleitava”¹⁵.

Há de se ressaltar, porém, o interesse desses viajantes em explorar a região amazônica, visto que ela se diferenciava significativamente dos locais de onde partiam esses estudiosos. Wallace, por exemplo, era britânico e as peculiaridades de sua terra natal em nada se assemelhavam com a região de seu interesse científico. Em parte, essas viagens se faziam no sentido desses estudiosos contribuírem com os estudos das ciências naturais, bem como com os avanços científicos em relação às teorias evolucionistas em voga no século XIX. Para Wallace, a escolha da Amazônia se fez – como o próprio menciona em seus relatos – por ele ter pouco conhecimento sobre a região em relação a outras do continente sul-americano; pelas dificuldades de acesso à

¹⁴ALVES, José Jerônimo de Alencar. A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.3, jul.-set. 2011 p.777.

¹⁵ *Ibidem*, p.779.

Amazônia, que lhe pareciam menores em comparação com as rotas para outras regiões de seu interesse; e pela influência de suas leituras anteriores¹⁶.

Em suas primeiras expedições pelo norte do Brasil, havia a necessidade desses viajantes estabelecerem laços que lhes garantisse acessibilidade aos locais que desejavam explorar. Neste sentido, os naturalistas recebiam cartas de apresentação dirigidas às pessoas de poder político e econômico dos mais distantes povoados da Amazônia¹⁷. Assim era viável a sua entrada nas regiões e podiam receber a colaboração e acompanhamento dos moradores locais.

Ao entrar nos espaços que lhes interessavam, havia toda uma lógica própria para ser feita a coleta de material e, assim, a partir da catalogação desses espécimes era feito as anotações para que posteriormente houvesse o envio para análise dos achados nos países de origem dos exploradores aqui residentes. Neste caso, dependendo de quem financiava a pesquisa era feito as abordagens de acordo com o que determinava os financiadores. Como ressalta Lima, não havia espaço para exprimir outro tipo de sentimento, a não ser o que era exigido pelos interesses das instituições com as quais estavam vinculados¹⁸.

Portanto, cabe relativizar as análises de cada relato de viagem a partir da origem do possível contribuinte da expedição e caso o investimento partisse de motivação do próprio viajante, investigar as motivações que o levaram a adentrar nesse universo, visto que, as despesas e acessos aos locais não eram fáceis.

É tentando encontrar subsídios que mostrem as percepções de viajantes naturalistas que vieram para a região do Baixo Amazonas, em especial Santarém, que será esboçado os relatos desses estrangeiros em terras amazônicas, extraído dessas narrativas as peculiaridades vivenciadas e retratadas por esses autores sobre a cidade.

1.1. OS RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS NA AMAZÔNIA DO SÉCULO XIX

O imaginário europeu em relação ao que existia para além-mar sempre foi muito fértil. Havia uma curiosidade e muitas especulações em torno da existência de lugares

¹⁶ *Ibidem*, p. 777.

¹⁷ *Ibidem*, p. 784.

¹⁸ ALVES, José Jerônimo de Alencar. A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia. *Idem*, p.58.

distantes do mundo europeu e isso foi um dos fatores que motivou as aventuras marítimas dos povos europeus nos séculos XV e XVI:

A aventura marítima desenrolou-se sob forte influência do imaginário europeu tanto na vertente positiva quanto na negativa. A idade de ouro das utopias europeias vinculou-se estreitamente às grandes descobertas, os relatos de viagens, “embelezados pela imaginação”, agindo como choque cultural e provocando cotejos e questionamentos das estruturas sociais de então¹⁹.

Quando houve a descoberta do Novo Mundo, incluindo aí a região que posteriormente seria conhecida como Brasil, estas passaram a ser fruto de novas especulações. Segundo Laura de Mello e Souza, uma vez descoberto, o Brasil ocupará no imaginário europeu posição análoga à ocupada anteriormente por terras longínquas e misteriosas que, uma vez conhecidas e devassadas, se desencantaram²⁰.

O fascínio pelo desconhecido abriu possibilidades exploratórias para viajantes, intelectuais diversos, comerciantes, exploradores ocasionais, etc. Nessa aventura ao desconhecido inclui-se a região amazônica, onde o imaginário europeu se tornou ainda mais vivaz diante de tanto a ser desbravado, como salienta Auxiliomar Silva Ugarte ao dizer que:

à medida que a conquista europeia prosseguia, o empirismo do devassamento era acompanhado por expectativas e projeções oriundas de um universo mental carregado de componentes de longa duração e outros simbolismos, que foram de/ao encontro de elementos advindos do contato com a nova realidade. Esses elementos contribuíram para reestruturar o próprio imaginário europeu, em que os fatores econômicos e políticos estavam inseridos decerto, porém matizados por outros, cujas características eram expressas por elementos mítico-lendários, que compunham a mentalidade dos conquistadores²¹.

Com a chegada dos colonizadores e a exploração do novo território, uma gama de informações passou a ser levada ao conhecimento da sociedade europeia que não tinha a possibilidade de conhecer o que até então era desconhecido de sua realidade.

¹⁹ SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.29.

²⁰ *Ibidem*, p.31.

²¹ UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In: GOMES, Flávio & PRIORE, Mary del (orgs.). *Os senhores dos rios. Amazônia, margens e histórias*. Rio de Janeiro: Campus, 2003, p, 4.

Assim sendo, foi a partir dos conceitos, juízos, símbolos, mitos e valores de sua civilização, que os conquistadores, através de suas narrativas – escritas e orais – transmitiam aos leitores e ouvintes determinadas imagens que tornavam menos estranhas as novidades dos territórios desbravados²². Sobre essa questão, Jean Marcel Carvalho França considera que:

As narrativas de viagem (...) criaram, praticamente sem qualquer concorrência, um vocabulário sobre o Brasil para os homens do Velho Mundo, um vocabulário que apresentou poucas variações ao longo dos três séculos que se seguiram à viagem cabralina e que se nutriu, em larga medida, de repetições, de dar a conhecer o conhecido, de reiterar, com pequenas variações, os mesmos temas e os mesmos personagens. Não obstante esse gosto pelas repetições – a “pouca originalidade”, diríamos hoje –, tratou-se de um discurso com larga aceitação entre o público culto e que desfrutava, entre esse mesmo público, do estatuto de um discurso verdadeiro, ainda que passível de dúvidas, críticas e contestações²³.

É interessante ressaltar que durante as grandes navegações, sempre estava presente um cronista que relatava os acontecimentos da viagem, assim como ocorreu com a chegada dos portugueses à América com o relato feito por Pero Vaz de Caminha, responsável por repassar as informações ao rei de Portugal sobre as descobertas feitas pela tripulação de Pedro Álvares Cabral. Através das exposições do que era encontrado nas novas terras, seja através de relatos de viagens, cartas ou ainda da oralidade, construiu-se o conhecimento europeu sobre o “outro” que habitava o além-mar. Esses relatos geravam interesse em diversos setores da sociedade, entre eles estudiosos e intelectuais denominados viajantes naturalistas. Com o passar dos tempos a vinda desses viajantes se tornou mais frequente, visto que estes tinham interesse em conhecer os espécimes existentes em uma região totalmente adversa da qual eram originários.

Inúmeros viajantes estiveram pela região amazônica desde o século XVI quando a região começou a ser explorada e ocupada pelos conquistadores. Em muitos casos, os próprios colonos se tornavam os próprios compiladores de relatos de viagens e produziam estudos sobre a fauna e a flora da região. Esse é o caso, por exemplo, da obra *História Natural e Moral do Maranhã e Grão-Pará*, escrita em inícios do século XVII

²² *Ibidem*

²³ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A Construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII. Antologia de textos, 1591-1808*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Editora da UNESP, 2012, p.284-285.

por Frei Cristóvão de Lisboa, considerada o primeiro estudo do gênero sobre a América portuguesa, em especial, sobre a Amazônia.

Ao longo dos séculos seguintes outros viajantes também se aventuraram pelo território amazônico em busca de vivenciar a realidade da região e explorar os aspectos geográficos da mesma. Um dos que esteve na região foi Charles-Marie de la Condamine, primeiro cientista a descer o curso do rio Amazonas entre o Peru e o Brasil, em viagem realizada em meados do século XVIII. Seu relato, apresentado à Academia de Ciências de Paris, em 1745, incluía descrições sobre plantas, animais, costumes, crenças e línguas indígenas, mitos e lendas que diziam respeito às mulheres guerreiras que deram nome ao rio²⁴.

Com o início do século XIX e o estabelecimento da Família Real na colônia, a vinda de estrangeiros para terras brasileiras passou a ser admitida mais livremente por conta das reformas econômicas e administrativas promovidas pelo príncipe regente D. João²⁵. Paralelamente, ressalta-se o avanço das ciências naturais ao longo deste século, expresso, por exemplo, na publicação da *Origem das espécies* (1859) pelo naturalista britânico Charles Darwin.

Nesse contexto, os viajantes naturalistas tiveram sua atenção voltada prioritariamente para os minerais, as plantas e os animais do Brasil²⁶. Muitos foram os naturalistas que atravessaram o Brasil no período oitocentista, como Thomas Lindley, Konrad Guenther, John Elliot, Willian Steains, entre outros. Ao concentrar a atenção no caso de Minas Gerais, Marcos Lobato Martins apresenta levantamento que reafirma o intenso fluxo de naturalistas no Brasil (Quadro 1).

²⁴ SAFIER, Neil. Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.29, n.57, 2009, p.92.

²⁵ LIMA, Carla Oliveira de. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia oitocentista: viagem, ciência e interações*. *Idem*, p.66.

²⁶ MARTINS, Marcos Lobato. *História e Meio Ambiente*. São Paulo: Annablume, Faculdades Pedro Leopoldo, 2007, p.65.

QUADRO 1: Viajantes estrangeiros em Minas Gerais – 1809-1870

Viajantes	Nacionalidade	Formação/Profissão	Época de passagem pelo Brasil
John Mawe	Inglês	Comerciante	1809-1810
G.W. Freireys	Russo	Naturalista	1814-1815
Barão de Eschwege	Alemão	Mineralogista	1811-1821
Auguste de Saint-Hilaire	Francês	Botânico	1817-1822
John Luccock	Inglês	Comerciante	1817-1818
K. Martius e J. Spix	Alemães	Zoólogo/Botânico	1818
Johann E. Pohl	Austríaco	Médico e Botânico	1818, 1820-1821
Barão de Langsdorff	Alemão	Naturalista	1825
Alcide D'Orbigny	Francês	Naturalista	1833-1834
Charle J. F. Bunbury	Inglês	Naturalista	1834-1835
George Gardner	Inglês	Médico naturalista	1840
Johann Jakob Von Tschudi	Suíço	Naturalista	1858
Louis Agassiz	Americano	Geólogo	1864-1866
Richard Francis Burton	Inglês	Geógrafo/Diplomata	1867
James Wells	Inglês	Engenheiro	1875

Fonte: MARTINS, Marcos Lobato. *História e Meio Ambiente*. São Paulo: Annablume, Faculdades Pedro Leopoldo, 2007, p. 67.

Em relação à Amazônia, constam como viajantes naturalistas que estiveram na região durante o século XIX os seguintes nomes:

QUADRO 2: Viajantes naturalistas na Amazônia no século XIX

Viajantes	Nacionalidade	Formação/Profissão	Época de passagem pela Amazônia
Johann Baptist Von Spix	Alemão	Zoólogo	1819
Carl Friedrich Philipp Von Martius	Alemão	Botânico	1819
G. H. Langsdorff	Russo	Cônsul	1828
Henry Lister Maw	Inglês	Oficial da marinha inglesa	1830
Alfred Russel Wallace	Galês	Naturalista	1843
Henry Walter Bates	Inglês	Naturalista e etnólogo	1851
Gaetano Osculati	Italiano	Naturalista	1853

Fonte: REIS, Artur César Ferreira. *Santarém: seu desenvolvimento histórico*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Belém: Governo do Estado do Pará, 1979, p.133-152; SILVA, Fabrício Herbeth Teixeira da. "Aos nossos olhos europeus": alimentação dos paraenses nas crônicas de viajantes do século XIX. *Viagens, Viajantes e Deslocamentos*. Projeto História n.º 42. Junho de 2011, p. 379.

Percebe-se, conforme os dados apresentados no quadro acima (Quadro 2), que o período oitocentista, motivado pelas mudanças promovidas pelo Império e também pelo desenvolvimento das ciências naturais, principalmente na Europa, foi propício para a realização de viagens à região amazônica. Não obstante, ainda que estudos como o de Arthur Reis²⁷ tenham chamado a atenção para a importância dos relatos desses viajantes para o conhecimento da região e mesmo da cidade de Santarém no século XIX, observa-se a existência de lacunas na produção historiográfica sobre o tema.

Nos levantamentos bibliográficos realizados durante a pesquisa, notou-se a ausência de estudos dedicados a tratar da cidade de Santarém com base nas referidas narrativas, ao passo que foi possível encontrar trabalhos relativos às cidades de Manaus

²⁷ Vários outros viajantes e cientistas estiveram passando por Santarém em diferentes épocas ao longo de sua colonização e consolidação como vila e cidade. Arthur Cezar Ferreira Reis em seu livro *Santarém: Seu desenvolvimento histórico* separa um capítulo para fazer uma abordagem sobre esses viajantes que passaram pela cidade, para isso ver: REIS, Artur César Ferreira. *Santarém: seu desenvolvimento histórico*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Belém: Governo do Estado do Pará, 1979, p.133-152.

– por exemplo, Simone Villanova em seu texto denominado, “Pescas, piqueniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar dos viajantes do século XIX” – e de Belém – por exemplo, “Aos nossos olhos europeus”: alimentação dos paraenses nas crônicas de viajantes do século XIX”, de Fabrício Herbeth Teixeira da Silva.

Ademais, foram escolhidos três autores que serão abordados para retratar o cotidiano da cidade de Santarém, Alfred Russel Wallace, Henry Bates e Hércules Florence para que sejam analisadas suas semelhanças e particularidades ao falarem sobre a cidade.

1.1.2. Alfred Russel Wallace

Para o presente estudo foram utilizadas três narrativas de viagem relativas à região amazônica e, especificamente, à cidade de Santarém. Primeiramente, analisamos a obra *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, de Alfred Russel Wallace (1823-1913). A edição usada foi publicada em 2004 pelo Conselho Editorial do Senado Federal, e conta com notas de Basílio de Magalhães e informações sobre a vida de Alfred Russel Wallace.

Sua organização está composta de sumário, prefácio do autor à 1ª edição, prefácio do autor à 2ª edição, dezessete capítulos e apêndice. Os capítulos estão assim dispostos: Capítulo I – Belém do Pará; Capítulo II – Pará; Capítulo III – O Tocantins; Capítulo IV – Mexiana e Marajó; Capítulo V – Rios Guamá e Capim; Capítulo VI – Santarém e Monte Alegre; Capítulo VII – Barra do Rio Negro e o Solimões; Capítulo VIII – Alto Rio Negro; Capítulo IX – Javita; Capítulo X – Subindo, pela primeira vez, o rio Uaupés; Capítulo XI – No Rio Negro; Capítulo XII – As cachoeiras do Uaupés; Capítulo XIII – De São Jerônimo para baixo; Capítulo XIV – Geografia física, geologia e clima do vale do Amazonas; Capítulo XV – Vegetação do vale do Amazonas; Capítulo XVI – Observações sobre a zoologia do vale do Amazonas; Capítulo XVII – Aborígenes do vale do Amazonas.

Alfred Russel Wallace nasceu a 8 de janeiro de 1823, em Usk, localidade de Monmouthshire, sendo educado na Escola de Hertford. Passou a residir com um irmão mais velho – arquiteto que também se fizera fiscal de impostos –, andou por vários pontos da Inglaterra e do País-de-Gales, com o que não somente adquiriu certos conhecimentos de agricultura, mas também se inteirou das condições sociais e econômicas a que estavam então sujeitas as classes trabalhadoras das terras britânicas.

Em 1840, achando-se ao sul do País-de-Gales, começou a estudar a história natural, ao mesmo tempo em que lia relatos de viagens. Apaixonou-se desde logo por esses assuntos, transferindo-se em 1844 para Leicester, onde lecionou num colégio público e relacionou-se com Henry Walter Bates (1825-1892), entomologista de renome, ali nascido e residente. Não tardou a tomar o desejo de visitar as regiões tropicais a fim de estudar a fauna e a flora, pelo que propôs a Bates organizarem uma expedição ao Amazonas, na qual, além de fazerem coleções de tudo quanto interessasse à história natural, pudessem também reunir fatos “com o fito de resolver o problema da origem das espécies”²⁸. Sobre essa matéria já haviam conversado bastante e dela haviam também tratado em sua frequente correspondência.

Resolvida à expedição, partiram de Liverpool, num pequeno navio, a 27 de abril de 1848, alcançando a foz do Amazonas cerca de um mês mais tarde, isto é, a 26 de maio do corrente ano. Os dois naturalistas iniciaram juntos as suas excursões de estudos, feitas, a princípio, nas circunvizinhanças de Belém do Pará, e, depois, pelo rio Tocantins. Em 1849, cada um deles tomou rumo diverso, tornando a avistar-se em Barra do Rio Negro, onde estiveram juntos de fevereiro a março de 1850. Ali, os dois cientistas novamente se separaram, não mais se encontrando em território brasileiro. Bates resolveu efetuar sozinho a exploração do resto da bacia amazônica, por ele denominada “o paraíso do naturalista”, e ali permaneceu até 1859. Colecionou naquela vasta região cerca de 15.000 espécies zoológicas, das quais pelo menos 8.000, segundo a sua própria asserção, eram novas para a ciência²⁹.

Em começos de julho de 1849, chegou a Belém o irmão mais moço de Wallace, a fim de ajudar em seus trabalhos científicos. Pelo navio que lhe trouxera o auxiliar, despachou Wallace para a Inglaterra as coleções de peixes e insetos feitas até aquela data e que, acrescidas de um caixote enviado em agosto de 1850, foi tudo quanto se salvou do intenso e arriscado esforço do grande naturalista³⁰.

Wallace encarregou-se de explorar outra zona – a do rio Negro e a do alto Orenoco –, reunindo depois todos os dados e observações num livro, aparecido em 1853, e que foi muito bem recebido. Wallace escapou de morrer e sofreu considerável prejuízo, durante a viagem de regresso para a Inglaterra. O navio em que ele embarcara, a 12 de julho de 1852, pegou fogo em pleno mar, a 6 de agosto, perdendo-se os animais

²⁸ MAGALHÃES, Basílio de. Prefácio. In: WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Notas de Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004, p.14.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*, p. 15.

e as plantas que o sábio inglês havia colecionado na região amazônica, e ele mesmo andou dez dias à mercê das ondas, curtindo fome e sede, até ser tomado, felizmente, a bordo de outro veleiro, que o conduziu até ao porto de Deal, em 1 do outubro de 1852³¹.

Essas são considerações feitas por Basílio de Magalhães responsável pelas notas da edição do livro de viagem, e o mesmo ainda vem trazendo as considerações de Alfred Russel Wallace acerca de sua teoria sobre o transformismo que ele trabalhou com Charles Darwin. Os relatos de Wallace enfatizam os aspectos geográficos, econômicos e sociais da região amazônica e mostram com bastante detalhes e imagens de algumas de suas descobertas, sendo um importante instrumento de investigação.

1.1.2. Henry Walter Bates

Como segunda narrativa temos: *Um naturalista no rio Amazonas*, de Henry Walter Bates. Trata-se de uma tradução de Regina Régis Junqueira, com apresentação de Mário Guimarães Ferri, publicada por editoras de Belo Horizonte e de São Paulo em 1979, a partir da 4ª edição da obra feita por Jonh Murray, em Londres, no ano de 1876. O livro faz parte da Coleção Reconquista do Brasil (volume 53) e tem como título original *The Naturalist on the river Amazons*. A primeira edição da obra é de 1863 e foi publicada em diferentes volumes. Em português, além da edição utilizada, encontra-se uma versão anterior, datada de 1944, da Coleção Brasileira, em dois volumes.

O livro possui treze capítulos que estão assim dispostos: capítulo I, II e III – Pará; capítulo IV – O Tocantins e Cametá; capítulo V – Caripi e a Baía de Marajó; capítulo VI – O Baixo Amazonas: do Pará a Óbidos; capítulo VII – O Baixo Amazonas: de Óbidos a Manaus, ou a Barra do Rio Negro; Capítulo VIII – Santarém; capítulo IX – Subindo o Tapajós; capítulo X – O Alto Amazonas – Viagem a Ega; capítulo XI – Excursões aos arredores de Ega; capítulo XII – Animais existentes nos arredores de Ega; capítulo XIII – Excursões adiante de Ega.

Henry Walter Bates nasceu em Leicester, Inglaterra, em 18 de fevereiro de 1825 e faleceu em Londres em 1892, dois dias antes de completar sessenta e sete anos. Em 1848, veio com Alfred Russel Wallace para o Brasil e permaneceu no país até 1859, coletando na região amazônica mais de 8.000 espécies que remeteu ao Museu Britânico.

³¹ MAGALHÃES, Basílio de. Prefácio. *Idem*, p. 15.

Forneceu documentário valioso em apoio da teoria da seleção natural desenvolvida por Charles Darwin e Alfred Russel Wallace.

A viagem de Wallace e Bates foi uma das mais importantes para as Ciências Naturais. Chegaram a Belém em 1848 e começaram a explorar os arredores da cidade. Em seguida, tomaram o rumo do Tocantins. Separaram-se, depois, seguindo Wallace para o Baixo Amazonas e regiões vizinhas do estuário, como a Ilha Marajó e o Rio Capim, Bates seguiu até Cametá. Na foz do Rio Negro encontraram-se para logo se separar de novo. Wallace subiu o Negro e Bates continuou pelo Solimões, até nossas fronteiras com o Peru, ao longo do rio Javari.

Trata-se de livro e rico em informações sobre a região amazônica. Não só os diversos tipos de vegetação e a flora estão bem descritos, como nele se encontram preciosas informações zoológicas, etnológicas e históricas, entre outras³².

1.1.3. Hércules Florence

O terceiro e último livro a ser analisado é *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*, de Hércules Florence. O livro, assim como o de Alfred Russel Wallace, também faz parte das edições do Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela mesa diretora em 31 de janeiro de 1997, que considera pertinente a divulgação de obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil.

Sua organização está composta de sumário, introdução feita por Ataliba Florence, prefácio de Afonso Taunay, e o relato da viagem da expedição do cônsul Langsdorff ao interior do Brasil. O livro encontra-se dividido da seguinte maneira: Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil; Viagem de Porto Feliz a cidade de Cuiabá; Descrição de Cuiabá. Usos e costumes de seus habitantes. Digressões a Vila de Guimaraes e Vila Maria. Partida para a Vila de Diamantino; Digressão a Vila de Guimarães e as lavras de diamantes do Quilombo; Partida de Cuiabá e viagem fluvial pelos rios Preto, Arinos, Juruena e Tapajós; De Santarém a Belém.

³² FERRI, Mário Guimarães. Apresentação. In: BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Tradução Regina Régis Junqueira. Apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

O livro ainda traz uma imagem do autor Hércules Florence com sua data de nascimento e morte (1804-1879). Florence escreveu seu manuscrito em forma de diário, sem nunca perder o fio da narração no correr da viagem, e é para admirar como ele conseguia isso, pois se a expedição parava às vezes meses em cidades e vilas, outras vezes ela percorria por outro tanto tempo campos e matas, ou descia e subia em batelões e canoas rios caudalosos e perigosos por causa de saltos, corredeiras e cachoeiras. O manuscrito é escrito em francês, que era a língua materna de Florence³³.

Conforme Ataliba Florence, o estilo de Hércules Florence é sóbrio, mas se eleva à altura dum escritor nato em muitos trechos, principalmente nas descrições da natureza, paisagens, ou quando trata de questões morais, por exemplo, da escravidão então reinante em quase toda a América³⁴.

Nascido em Nice a 29 de fevereiro de 1804, viveu em São Paulo, quase ininterruptamente, cinquenta anos, falecendo em Campinas a 27 de março de 1879. Tinha notáveis qualidades de observador e a faculdade inventiva sobremodo desenvolvida. Muito se ocupou com os processos fotográficos, por exemplo, mas a escassez do meio em que vivia não lhe permitiu uma recompensa ao esforço tão inteligente quanto pertinaz. Desenhista eminente, homem da mais elevada vocação artística, foi dos mais notáveis observadores da natureza brasileira no século XIX³⁵.

Já mereceu a sua existência larga biografia, como a que redigiu o Dr. Estêvão Bourroul. Das obras publicadas de Florence pouco há. Traduziu-lhe o Visconde de Taunay o valioso “Diário da Expedição do Barão de Langsdorff” de que era desenhista com Adriano Amado Taunay³⁶. De acordo com Afonso de E. Taunay é um documento do mais alto valor para a história das ciências naturais no Brasil, mas foi posto fora do alcance do público pelo fato de se incorporar à coleção da Revista do Instituto Histórico Brasileiro, onde apareceu em 1875, no tomo XXXVIII de escassa divulgação³⁷.

³³ FLORENCE, Ataliba. Introdução. In: FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

³⁴ *Ibidem*, p. XII.

³⁵ TAUNAY, Afonso de E. Prefácio. In: FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007, p. XXII.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Ibidem*.

CAPÍTULO 2. O OLHAR DOS VIAJANTES SOBRE SANTARÉM

A exuberância da fauna e da flora e a possibilidade de desvendar os mistérios que circundavam lugares tão exóticos aos olhos dos europeus, são fatores que fizeram com que inúmeros viajantes se aventurassem pela região amazônica, bem como pela região Oeste do Pará. Santarém foi uma dessas localidades visitadas por viajantes estrangeiros durante o século XIX e Henry Walter Bates destaca, por exemplo, a fácil acessibilidade e o fato de não haver tantos empecilhos para se chegar à cidade:

À primeira vista, Santarém chama a atenção do viajante pela sua vantajosa localização. Embora distante do mar 600 quilômetros, é de fácil acesso a navios de grande calado vindos diretamente do Atlântico. O rio faz apenas duas curvas ligeiras entre esse porto e o mar, e durante cinco ou seis meses por ano o vento geral sopra no Amazonas quase constantemente, de forma que os navios vindos do estrangeiro chegam até ali sem maiores dificuldades³⁸.

Percebe-se que havia certa facilidade para alcançar a região o que favorecia a circulação de produtos e pessoas e, no caso específico deste estudo, a chegada e o estabelecimento de viajantes para realizarem estudos e explorações.

As narrativas apresentam descrições que exaltam a localidade visitada pelos naturalistas. Wallace, por exemplo, informa que a cidade de Santarém está colocada em lindo local, num declive, na barra do Tapajós, com uma linda praia arenosa e uma pequena colina em uma de suas extremidades, ali existindo uma fortaleza, de paredes de barro, dominando as proximidades do Amazonas³⁹. Outros destacam a importância da cidade para a região, como fez Henry Bates ao dizer que, embora não conte com mais de 2.500 habitantes, trata-se da cidade mais importante e mais civilizada encontrada nas margens do rio principal, desde o Peru até o Atlântico⁴⁰.

Ao longo das narrativas os viajantes expõem uma série de informações sobre a história da localidade e suas construções, o que indica que eles não viajavam sem conhecimento prévio das localidades escolhidas. Sobre a questão, Lima enfatiza que estas viagens foram empreendidas em um período no qual o continente americano não

³⁸BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Tradução Regina Régis Junqueira. Apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 101.

³⁹WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Notas de Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004, p.185.

⁴⁰BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. *Idem*, p.139.

era completamente desconhecido como o fora para os primeiros cronistas da era das grandes navegações, posto que os viajantes do século XIX já tinham lido e/ou ouvido informações detalhadas sobre a região que planejavam explorar⁴¹. Seja por informações prévias, seja por dados recolhidos durante o deslocamento pelas cidades, os naturalistas buscaram compreender e relatar como surgiram e quais as principais mudanças ocorreram nas localidades em que visitaram. Hércules Florence, por exemplo, expõe que a cidade de Santarém havia tido como nome primitivo Tapajós, em referência a uma aldeia, nome que foi substituído para Santarém por efeito das medidas que buscaram dar denominações de origem portuguesa a todas as localidades do vale do Amazonas⁴².

Ao chegar à cidade e passar a conviver com a população local, esses homens vinham em busca de aperfeiçoar seus estudos científicos e mesmo dar conta dos serviços que lhes foram propostos por quem lhes proporcionou ter essa experiência, passam a verificar e se envolver na rotina dos cidadãos e assim observam as peculiaridades de uma sociedade em formação. Estas observações acabam se tornando parte de seus relatos e vem demonstrando o impacto que causa ao olhar do viajante retratar e vivenciar hábitos e costumes tão peculiares das regiões que visitam. Este é caso do relato de Florence, que destaca com estranheza o modo de falar dos habitantes do interior, carregado e com sotaque dos filhos d'além-Atlântico: “é que os portugueses são ali numerosos e a pronúncia europeia pode-se conservar em sua integridade sem sofrer a modificação brasileira”⁴³.

As narrativas trazem uma série de informações a respeito de como se compunha a organização da cidade, tanto em seus aspectos de estrutura urbana, como de suas vivências em termos de comemorações festivas, sejam elas civis ou religiosas. Os textos também destacam os costumes que em parte se assemelham aos costumes europeus e em outros se diferem ou se mesclam para formar uma sociedade única.

Ao tratar da estrutura urbana da cidade, o texto destaca as casas, as ruas, os meios de transporte, etc. Por exemplo, Alfred Russel Wallace descreve que:

As casas são limpas e as ruas regulares; mas, não havendo ali veículos de roda e sim apenas alguns cavalos, estes pastam à vontade nas ruas, que são cobertas de ervas e de relvas. A igreja, com as suas duas

⁴¹LIMA, Carla Oliveira de. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia oitocentista: viagem, ciência e interações*. *Idem*, p. 68.

⁴²FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007, p.263.

⁴³ *Ibidem*.

torres, é um edifício bonito e notável. As casas, em sua maioria, são pintadas de branco ou de amarelo, e os portais, das janelas e das portas, são pintados de um verde muito vivo. No porto, não há desembarcadouro, ou cais, sendo as cargas descarregadas para as montarias, de modo que dificilmente podeis alcançar terra, sem molhardes os pés ou o calçado⁴⁴.

É interessante destacar que em relação à forma de organização urbanística da cidade, os relatos são semelhantes. Hércules Florence também enfatiza sobre a estrutura das ruas e a beleza da igreja quando diz que “as ruas são largas, cortadas em ângulo reto e bem alinhadas a cordel. A igreja, bem no centro, a melhor que se me deparou desde São Paulo, tem a fachada ornada de um frontão e de duas torres”⁴⁵. Para Henry Walter Bates as ruas estavam sempre limpas e secas, mesmo em plena estação das chuvas; a ordem pública era cuidadosamente mantida e a cidade sempre bem suprida de víveres⁴⁶. Bates nos dá uma visão de como eram as casas que existiam na cidade, distinguindo as habitações pelos grupos sociais. Informa que as casas pertencentes aos brancos e aos comerciantes eram solidamente construídas, tendo muitas delas dois ou três pavimentos e sendo todas caiadas e cobertas de telhas. Por outro lado, a aldeia onde vivia a população indígena, consiste quase que exclusivamente de choupanas de barro, cobertas de folhas de palmeiras⁴⁷.

Além dos aspectos urbanos, vem sendo demonstrado também alguns costumes que não se restringem ao universo santareno, como é o caso dos banhos no rio. A fertilidade dos rios sempre é bastante destacada ao longo dos relatos dos viajantes e mostra como a população tem sua vida atrelada ao curso que o rio determina no seu dia a dia. Essa ligação da população com o rio é bem perceptível no relato de Alfred Russel Wallace quando este diz que “as praias se estendem muitas milhas, para baixo ou para cima da cidade, e é ali que se fazem todos os serviços de lavagem de roupa da localidade, vendo-se os linhos estendidos na areia quente, o que produz um agradável espetáculo”⁴⁸.

“Além disso, há também os banhos no rio que são feitos pela população, durante todas as horas do dia, veem-se ali inúmeros banhistas. Os filhos dos índios e dos negros

⁴⁴ WALLACE, Alfred Russel, 1823-1913. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Idem*, p.185.

⁴⁵ FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Idem*, p.263.

⁴⁶ BATES, Henry Walter. 1825-1892. *Um naturalista no rio Amazonas. Idem*, p.143.

⁴⁷ *Ibidem*, p.101.

⁴⁸ WALLACE, Alfred Russel, 1823-1913. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Idem*, p.185.

nadam como peixes”⁴⁹. Como indicado, essa é uma prática que não está restrita a Santarém, sendo um dos elementos ressaltados por Simone Villanova ao analisar a descrição dos viajantes sobre Manaus oitocentista. Segundo a autora, na cultura local vigorava os banhos em igarapés, realizados por famílias distintas. Os cavalheiros e também senhoras respeitáveis passavam, muitas vezes, as horas mais quentes do dia em revigorantes cascatas cristalinas⁵⁰.

Como demonstrado por Villanova para Manaus e também podem ser observados para Santarém, os relatos dos viajantes naturalistas variam entre um tom científico e técnico da descrição dos seres e da geografia dos lugares e o interesse em descrever o cotidiano dos nativos e da população aqui residente⁵¹. Em alguns momentos é possível verificar como se dá a organização da cidade:

O governo executivo local consiste em: o comandante militar, que tem o encargo do forte e de uma dúzia ou duas de soldados; o comandante dos trabalhadores, que superintende os índios, empregados em qualquer serviço público; o juiz de direito ou juiz criminal e civil da comarca; o delegado de polícia, que se encarrega da administração dos passaportes e dos serviços de vigilância etc.; o vigário ou sacerdote; e alguns outros funcionários, que lhes são subordinados⁵².

A partir dessas observações é possível adentrar no universo que esses viajantes vivenciaram e identificar vestígios de práticas realizadas pelas comunidades com as quais tais estrangeiros estiveram em contato. Assim, torna-se possível explorar como as comunidades se divertiam, que aspectos adotaram dos colonizadores, quais costumes mantiveram da população local, como se percebiam e como construíram sua própria maneira de viver. Todas essas perspectivas são abordadas através do olhar do viajante que dependendo de como se insere dentro do cotidiano local e do período que esteve na cidade, oferece diferentes visões sobre o cotidiano local.

Sobre a constituição populacional é possível observar certas diferenças entre os relatos dos viajantes. Segundo Hércules Florence, na província do Pará os negros e mulatos são em pequeno número, porque, tendo logo em princípio sido os índios reduzidos à escravidão, tornou-se tardia e menos ativa do que em outros pontos do

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ VILLANOVA, Simone. Pescas, piqueniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar dos viajantes do século XIX. *Idem*, p. 126.

⁵¹ *Ibidem*, p.129.

⁵² WALLACE, Alfred Russel, 1823-1913. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Idem*, p.186.

Brasil a introdução dos filhos da África⁵³. Para o naturalista cinco classes distintas se notam na população de oito a dez mil almas de Santarém: brancos, índios, mamelucos, mulatos e negros. Sobre os mamelucos, afirma que nascem da mistura de brancos com índias, “são um tanto mais claros” e apresentam hábitos “mais ou menos indiáticos”, ainda que a língua seja a mesma⁵⁴.

Já para Henry Bates essa mistura de índios com brancos não teria sido assim tão profunda nos arredores de Santarém: “creio que primitivamente os índios tinham sido hostis aos portugueses; de qualquer maneira, não parecia haver ali, em grande escala, uma mistura das duas raças”⁵⁵. Na descrição do viajante:

Os brancos – portugueses e brasileiros – são ali relativamente mais numerosos do que em outras cidades; constituem os comerciantes e os donos das lojas do lugar, os que tem escravos, fazendas de gados e plantações de cacau, e eles gostam de aparentar que são altamente civilizados. Entre as principais figuras do lugar devem ser mencionadas também as autoridades civis e militares, geralmente homens inteligentes e bem educados, vindos de outras províncias. [...]; a classe baixa é composta de mestiços (além de uns poucos escravos), nos quais predominam o sangue negro⁵⁶.

Percebe-se que em suas descrições Bates faz questão de enfatizar que a classe abastada é predominantemente branca e que aquelas pessoas por ele considerada mais intelectual é oriunda de outros lugares do país.

É interessante destacar também como esses viajantes percebem e retratam a presença dos indígenas na cidade. Segundo Bates, poucos índios vivem na cidade, que é civilizada demais para eles⁵⁷. Florence faz uma descrição mais detalhada sobre a presença indígena na cidade, demonstrando que estes ainda são úteis para alguns serviços dentro da comunidade local.

Os índios são geralmente apelidados *tapuios* e menos cobreados que os das matas. Livres por lei o são de fato, graças mais às florestas do que pelo respeito que merecem seus direitos. Dóceis e, embora indolentes, são eles que fazem quase exclusivamente a navegação dos inúmeros rios da província do Pará⁵⁸.

⁵³ FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Idem*, p. 265.

⁵⁴ *Ibidem*, p.264.

⁵⁵ BATES, Henry Walter. 1825-1892. Um naturalista no rio Amazonas. *Idem*, p.140.

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Idem*, p.264.

Ainda sobre a presença indígena, Florence em sua narrativa destacou em uma de suas gravuras um aldeamento indígena em Santarém:

FIGURA 1. Aldeamento de índios em Santarém



Fonte: FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Idem*, p. 256.

Houve a preocupação por parte de Florence em retratar as moradias dos indígenas e mostrar como eram essas construções, o material que os índios utilizavam para suas casas e assim compreender um pouco da sua rotina.

Florence ainda enfatiza a forma de pagamento dada ao trabalho indígena por aqueles que usufruíam dos seus serviços prestados dando a entender que estes não recebiam um pagamento digno e também não reivindicavam isso, contentando-se com pouco: “uma choupana, umas plantaçõezinhas, algumas galinhas, roupa pouca de algodão, uma viola, eis o que desejam”⁵⁹. O viajante demonstra também a volatilidade com que essa mão de obra trabalhava, não sendo assim funcionários tão dignos de confiança quando a serviço de seus contratantes, pois:

Quando lhes dá na cabeça, deixam o amo sem se lhes importar com o que devem ou têm que receber. Nem fazem caso da roupa e objetos de propriedade sua, quando não se lhos entregam. Fogem para o mato, deixando a casa no momento mais urgente ou a canoa em meio da

⁵⁹ *Ibidem*.

viagem. O que pode ainda prendê-los é a aguardente, que apreciam mais que o dinheiro⁶⁰.

Isso mostra o quanto era difícil manter uma mão de obra para as tarefas diárias ou mesmo para atividades que requeriam experiências marítimas como em caso de viagem. Essa necessidade de mão de obra também é mencionada por Henry Walter Bates quando diz que era “quase impossível conseguir qualquer tipo de criado em Santarém; os homens livres eram orgulhosos demais para se empregarem, e os escravos muito poucos e muito necessários aos seus donos para que fossem alugados a outrem”⁶¹.

Dentro dessa perspectiva de dificuldade em conseguir mão de obra para os serviços diários, Henry Walter Bates ainda destaca alguns ofícios que existiam dentro da cidade, “as pessoas de cor ocupam-se também com vários trabalhos artesanais. A cidade tem dois ourives que são mulatos, contando também com vários aprendizes; os ferreiros são geralmente índios, como ocorre em praticamente toda a província”⁶². Com isso percebemos que a gama de ofícios existentes dentro da cidade não era assim tão variada e isso poderia causar infortúnios a população local e mesmo era visto com desdém pelos próprios viajantes que retratavam essa deficiência e não a viam com bons olhos por suas descrições.

Ainda falando sobre a presença indígena na cidade, Henry Walter Bates nos dá uma demonstração da interatividade que existia entre a população indígena e a sociedade em geral que compunha a cidade. Bates descreve uma festa realizada pela população indígena que ocorria na cidade uma vez por ano, segundo ele o uso das máscaras e as danças feitas pelos indígenas constituem parte de suas tradições, e estes faziam a sua própria festa, e em certa ocasião eles nos brindaram com um belo espetáculo. Reuniram-se a noite, nos arredores da cidade, vindo de várias partes do distrito, e em seguida desfilaram pelas ruas carregando tochas, indo até o bairro habitado pelos brancos, onde executaram a Dança da caça e a Dança do diabo diante das casas das pessoas mais importantes da cidade⁶³. Depois disso ele descreve como era feita a festa pelos indígenas:

⁶⁰ FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. *Idem*, p. 264.

⁶¹ BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. *Idem*, p.140.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. *Idem*, p. 141.

A procissão era formada por cerca de uma centena de homens, mulheres e crianças. Muitos dos homens exibiam os magníficos cocares de penas, bem como as túnicas e cinturões feitos pelos mundurucus e usados por eles nas ocasiões festivas; as mulheres se apresentavam de busto nu, e as crianças inteiramente despidas, e todos tinham o corpo pintado e lambuzado de urucu. Um dos homens fazia o papel de tuxaua, ou chefe, levando na mão um cetro lindamente enfeitado de penas de tucano e papagaio, vermelhas, verdes e laranjadas. O pajé, ou curandeiro, também estava presente, fumando um comprido charuto de tauari, com o qual ele afirmava fazer suas assombrosas curas. Outros tiravam sons ásperos e estridentes do toré, uma comprida flauta de taquara, com uma palheta no bocal⁶⁴.

É uma excelente descrição de como se davam essas comemorações dentro da cidade e feita pelos indígenas e vista pelos não indígenas. Ainda segundo Bates, toda essa encenação era uma representação exata da vida dos indígenas e mostrava mais inventividade do que a geralmente atribuída ao índio brasileiro.

Bates ainda dá destaque a um instrumento utilizado pelos indígenas, o toré, que remete a população mais antiga a sentimentos nada confortáveis diante do que este instrumento lhes causava ao ser ouvido. O naturalista diz que “esse instrumento é a trompa de guerra de diversas tribos; com eles as sentinelas das hordas predatórias, trepadas em altas árvores, davam o sinal para o ataque aos seus companheiros”⁶⁵. E sobre o sentimento que o som lhes causa ele diz que os brasileiros que já tem idade bastante para se lembrarem dos tempos em que “havia guerra entre os índios e os colonos, guardam da toré uma terrível lembrança, pois o seu som áspero e forte, ouvido altas horas da noite, representava quase sempre o prelúdio de um massacre que os Muras⁶⁶ iam executar nos núcleos de colonização mais isolados”⁶⁷.

Para finalizar o seu relato sobre a festividade indígena, Henry Walter Bates diz que o resto dos homens, na procissão, levava arcos e flechas, feixes de javelina, porretes e remos. As crianças mais velhas carregavam seus animais de estimação, algumas levando macacos ou quatis nos ombros, outras trazendo jabutis na cabeça. As índias

⁶⁴ *Ibidem*, p. 142.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ Os Muras eram uma tribo aborígine que habitou no período do Brasil Colônia todo território que compreende as bacias hidrográficas dos rios Amazonas, Madeira e Solimões. Sua hostilidade era conhecida pelos brancos, uma vez que evitavam contatos com a civilização. Muras e portugueses se confrontaram em decorrência da invasão colonial, pelo o fato do rio madeira ser o único caminho para os comerciantes portugueses chegarem a Vila Bela, antiga cidade de Mato Grosso. A aldeia Mura não permitia a ultrapassagem do rio levando os negociantes a enormes prejuízos atacando, sobretudo, os barcos que transportavam especiarias. Para mais informações ver texto de Francisca Teixeira em: <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/guerrilha-dos-muras/>

⁶⁷ BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. *Idem*, p.142.

carregavam os filhos de colo em aturás, enormes cestos que traziam pendurados às costas e presos por largas tiras passadas à volta da cabeça, à altura da testa. Conclui dizendo que essa manifestação era organizada espontaneamente por eles, os indígenas, com a única finalidade de divertir o povo da cidade⁶⁸.

Sobre essa descrição festiva é interessante destacar que dos demais viajantes aqui utilizados não há menção por parte destes sobre o assunto, em se tratando de Santarém, sendo descrito apenas por Henry Walter Bates.

Ainda ao mencionar a população local, Bates diz o seguinte, “não encontrei ali o mesmo povo afável, descuidado e franco que vi em outros povoados do interior”. Percebe-se uma crítica ao comportamento da população local quanto a receptividade aos viajantes estrangeiros na visão de Bates. Este ainda faz uma crítica ao comportamento da elite da cidade que seria extremamente rígida. Em sua narrativa ele diz, “as maneiras da classe mais alta (copiadas das do Pará) são muito rígidas e formais, e a ausência da generosa hospitalidade que encontrei em outros lugares causa, a princípio, uma desagradável impressão. São muito cerimoniosas as relações entre as pessoas importantes do lugar, bem como com os estrangeiros”⁶⁹. São costumes que causam estranheza e desconforto aos olhares do viajante e são por ele criticados.

Além dessa visão crítica quanto aos modos da elite local, Henry Walter Bates ainda detalha alguns hábitos que a seu ver seriam exagerados devido à peculiaridade da região:

O melhor cômodo da casa é reservado para receber as visitas, que devem apresentar-se de fraque preto, apesar do tremendo calor que reina nas arenosas ruas de Santarém por volta do meio dia, hora em que geralmente são feitas as visitas. Na sala, um sofá e cadeiras de assento de palhinha, laqueados e dourados, são dispostos formando um quadrado, e ali os visitantes são convidados a sentar enquanto se desenrolam as conversas e se resolvem os negócios. À hora da despedida, o dono da casa acompanha o visitante até a porta fazendo-lhe mesuras o tempo todo, o que obriga este a se retirar andando de costas⁷⁰.

Com isso percebemos que em sua narrativa essa prática era demasiadamente desnecessária pelas condições em que a região está inserida, sendo vista como um desconforto imposto aos visitantes que não são da região.

⁶⁸ *Ibidem.*

⁶⁹ *Ibidem.*

⁷⁰ *Ibidem.*

Em linhas gerais, os relatos desses viajantes nos dão uma percepção de como era vista a sociedade santarena pelo olhar estrangeiro. A passagem desses viajantes e cientistas por Santarém é mencionada no trabalho de Arthur Cezar Ferreira Reis, *Santarém: seu desenvolvimento histórico*, que faz um apanhado das impressões destes em relação a cidade, destacando os aspectos considerado por ele mais relevantes. Reis dá ênfase a primeira viagem exploradora ocorrida em 1828 pela cidade:

Em 1828 houve a primeira viagem exploradora. Realizou-a o cônsul russo no Brasil, George Heinrich von Langsdorff, alemão de origem. Chefiando um grupo de cientistas sob o patrocínio do Czar Alexandre I e integrada a expedição, além de vários outros, que tomaram outra direção, pelo astrônomo Rubzoff e o desenhista Hércules Florence⁷¹.

Como visto, Hércules Florence estava entre aqueles que foram considerados os primeiros exploradores da região, visto que, foi somente a partir da vinda da família real portuguesa para o Brasil que foi possível os cientistas e estudiosos de outros países terem a permissão para adentrar e estudar as peculiaridades do país. Segundo Arthur Reis, a Amazônia permanecia trancada aos olhares cobiçosos dos outros povos durante o período colonial e após a permissão para que estudiosos/cientistas/viajantes pudessem ter mais facilidade para adentrar no país foi possível a investigação e conseqüentemente os relatos de suas impressões em relação a região, deixando um vasto acervo a respeito de diversos aspectos que eram mencionados por esses olhares que buscavam respostas para suas dúvidas científicas⁷². Para o autor, a presença desses estudiosos foi benéfica para a região, pois interessando aos investigadores estrangeiros, foi objeto de estudos deles, do mesmo modo que os investigadores brasileiros para ela se voltaram, também com a mesma preocupação e o mesmo dinamismo. Assim sendo, conclui Reis, o inventário científico do Tapajós evidentemente não estacionou nesses esforços realizados por cientistas nacionais e estrangeiros⁷³.

Através destes apontamentos foi viável retratar algumas informações sobre a região amazônica e principalmente sobre Santarém através da perspectiva dos viajantes. Em seus relatos foi possível averiguar como estes viam a chegada à cidade, suas edificações, como eles percebiam a população que encontraram. Foram retratadas as manifestações culturais que foram vivenciadas pelos naturalistas que passaram por

⁷¹ REIS, Artur César Ferreira. *Santarém: seu desenvolvimento histórico*. *Idem*, p.171.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ *Ibidem*, p.175.

Santarém, como a comemoração indígena que é narrada por Bates, assim como alguns costumes que a população possuía, como ao receber visitantes em suas casas e que foi por estes viajantes vista com certo desconforto. Nesse sentido, reafirma-se a contribuição das narrativas de viagem para o conhecimento da cidade de Santarém oitocentista, do mesmo modo que se ressalta a potencialidade de observar a cidade sob o olhar estrangeiro.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desconhecido sempre foi um atrativo para os homens, fosse por medo ou simplesmente pela curiosidade em desvendar o que ainda não se conhecia. Neste sentido, foi por esse entusiasmo em revelar o que se encontrava em terras distantes que muitos homens se lançaram ao mar em busca de novas descobertas e aventuras, desbravando os mares em busca do desconhecido, para assim eliminar os fantasmas que permeavam o imaginário dos indivíduos que formavam as sociedades até então.

A partir daí inúmeros navegadores se propuseram a trazer as novidades sobre as terras distantes que encontravam e assim além de desvendar os mistérios de lugares longínquos também acabavam despertando mais e mais a curiosidade de outras pessoas. Foi assim que inúmeros estudiosos passaram a ter interesse em se aventurar além-mar, buscando encontrar respostas para seus questionamentos e estudos científicos, nos deixando um legado de informações sobre os lugares que visitavam.

Este legado em forma de textos narrativos criou a possibilidade de explorar esses relatos como fontes históricas, pois através delas é possível analisar de que maneira eram organizadas essas viagens, quais os dilemas e problemas que esses viajantes enfrentavam, como eles faziam para ter acesso a esses lugares considerados por eles tão exuberantes e remotos, além de uma série de outras problemáticas.

Os estudos utilizando as narrativas de viagens como fontes têm se ampliado ao longo do século passado e isso trouxe aos historiadores uma nova gama de análises históricas, pois é viável uma nova abordagem e novos olhares no que se refere a essa fonte que se coloca à disposição da historiografia. Neste sentido, os aspectos que são destacadamente importantes para a utilização dessa fonte referem-se ao que o viajante viu, as suas descrições detalhadas sobre os locais, as pessoas, os costumes e demais elementos considerados relevantes dentro de suas anotações e obviamente a publicação como resultado de suas observações. Foi assim que se chegou à escolha dessa tipologia para a realização do presente trabalho.

Construiu-se ao longo da pesquisa, todo um roteiro que culminasse com a exploração das fontes em relação ao que se evidencia sobre a cidade de Santarém. Primeiramente, fez-se uma seleção entre as narrativas sobre a cidade no século XIX; em seguida, passou-se ao fichamento individualizado de cada texto, tendo como base uma ficha estruturada em eixos temáticos; por fim, procedeu-se a comparação entre as narrativas, a fim de identificar descrições comuns e contrastantes sobre a cidade de

Santarém. Assim sendo, o trabalho desenvolvido buscou problematizar sobre a importância do uso das narrativas como fontes históricas, ressaltando a importância de se analisar essas fontes.

Para corroborar a utilização desses relatos como fonte estabeleceu-se a importância das viagens expedicionárias ocorridas ao longo dos séculos XV e XVI e que culminaram com a chegada dos europeus nessas terras distantes. Estas fizeram com que o imaginário da sociedade europeia, bem como de seus estudiosos, florescesse diante de novas descobertas e culminasse com o interesse em desembarcar aqui inúmeros estudiosos, viajantes, naturalistas e aventureiros que de alguma forma nos deixaram suas impressões através de seus diários de bordo e narrativas de viagens.

Neste sentido se fez necessário abordar os aspectos relativos a esses imaginários europeus, destacando suas visões sobre o desconhecido, sua curiosidade, seu modo de pensar diante do que estaria a ser descoberto. E foram essas especulações em torno do desconhecido que fez com que os homens se aventurassem rumo a respostas. Assim, a medida que iam abrindo caminho frente a novos lugares, crescia também o interesse por os desvendar mais e mais. Procurou-se demonstrar que com tais descobertas alguns paradigmas foram sendo deixados de lado e outros se estabelecendo a cada nova notícia acerca das novas terras. O que fez com que o interesse fosse mais aguçado por aqueles que vislumbravam novas descobertas no campo das ciências.

Foi ao longo deste processo que o Brasil se tornou rota de diversos estudiosos que vinham em busca de referenciar seus estudos científicos. Com o advento das viagens ultramarinas era comum haver os relatos dos cronistas que enviavam as notícias sobre as terras avistadas aos reinos interessados pelas descobertas, e ao desembarcarem no Brasil não foi diferente. Pedro Álvares Cabral possuía seus cronistas, um deles, Pero Vaz de Caminha, que foi o responsável por levar as informações sobre o lugar que haviam chegado. A partir dessas crônicas feitas não só por Caminha, mas por outros viajantes, se tornou maior o interesse por essas terras, em especial quando estes obtiveram notícias da região Amazônica, onde a exuberância da flora e da fauna foi um dos fatores que se destacava aos olhos dos europeus, por apresentar características tão peculiares e divergentes do que eles conheciam.

Neste sentido, foi demonstrado que a passagem desses viajantes pela região começou a partir do século XVI com as grandes navegações e que a partir daí o número de viajantes interessados em desvendar a exótica região se tornou mais frequente.

Inúmeros estudiosos de diversos países estiveram pelo país e conseqüentemente passaram pela região amazônica e em especial por Santarém.

Foi feito esse levantamento demonstrando que há uma gama de informações pertinentes sobre a região escolhida. Dentre os diversos viajantes que passaram por Santarém, foram escolhidos três como fonte para a pesquisa: Alfred Russel Wallace, Henry Walter Bates e Hércules Florence. Através deles foi possível analisar suas impressões sobre a cidade, a infraestrutura, o acesso a ela, considerada por eles de fácil acesso por conta da facilidade de navegação dos rios. A presença dos indígenas no interior da sociedade citadina, as características por eles notadas e destacadas sobre o comportamento do contingente indígena, bem como as peripécias destes com aqueles que lhes delegavam atividades, a maneira como eram remunerados, aspectos que foram enfatizados por Hércules Florence em suas descrições.

Nessas abordagens sobre a constituição da sociedade santarena, Hércules Florence é mais categórico na divisão dos grupos que compõe a cidade de Santarém, em suas narrativas ele destaca os grupos que formavam essa sociedade, sendo constituídos por brancos, índios, mamelucos, mulatos e negros. Já na perspectiva de Henry Walter Bates a população que predominava era a branca e este enfatiza ainda a importância dessa presença na região, dando destaque principalmente para a classe dominante que seria branca e em alguns casos era oriunda de outras localidades, o que de alguma maneira seria um diferencial na sociedade de Santarém.

Por fim, foi possível retratar como se dava as festas indígenas dentro da cidade junto a população branca que se fazia também participante de tais atividades, sendo possível extrair toda a riqueza de detalhes que os viajantes presenciaram dessas festividades, trazendo informações de como conviviam essas pessoas, como festejavam, como se sociabilizavam dentro da cidade. As características dessa população, os hábitos, os costumes, suas festas, seu modo de viver foi possível ter uma visualização através das narrativas desses três viajantes que estiveram em Santarém. Além disso, buscou-se fazer aproximações com a cidade de Manaus, onde havia costumes semelhantes aos que foram encontrados em Santarém, como a importância dos rios e o costume de se banhar em suas águas.

São relatos que deixaram a possibilidade de adentrar em uma sociedade que ainda estava em formação, que continha hábitos de seus colonizadores, mas que também mantinha suas peculiaridades, suas características próprias, seu ritmo próprio de

conduzir a vida, de festejar, de viver, de receber os estrangeiros, de elaborar suas rotinas cotidianas e assim se estabelecer como sociedade e como cidade.

Cabe mencionar que ao longo desse estudo não foram abordados todos os aspectos que cada viajante escolhido retratou em suas narrativas. Porém, através do olhar estrangeiro em relação a cidade de Santarém buscou-se demonstrar a importância dessas perspectivas para futuros trabalhos que poderão se utilizar dessa documentação. A pesquisa pôde trazer à tona as especificidades da cidade enquanto se constituía como tal e assim adensar uma discussão sobre o olhar estrangeiro para a região, bem como contribuir para que se retratasse a construção historiográfica de Santarém a partir de novos olhares, ou seja, utilizando-se para isso as narrativas de viagem como fontes históricas.

A guisa de conclusão ainda está em aberto inúmeras outras questões passíveis de investigação, como a questão educacional, econômica, cultural e outras que poderão surgir futuramente e que aqui não foram trabalhados. Ademais, optou-se por demonstrar a acessibilidade da região, os aspectos urbanos da cidade, bem como sua composição humana e sua maneira de organização social, assim como alguns costumes que chamaram a atenção de quem narrou a vida e o cotidiano dos moradores de Santarém.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

4.1. DOCUMENTOS

BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Tradução Regina Régis Junqueira. Apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Notas de Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

4.2. BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luís. El ‘relato de viajes’: hitos y formas en la evolución del género, *Revista de Literatura*, 2011, enero-junio, vol. LXXIII, n.145, p.15-34.

ALVES, José Jerônimo de Alencar. A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.3, jul.-set. 2011 p. 775-788.

ANTUNES, Anderson Pereira. A rede dos invisíveis: Uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866). *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios*. Florianópolis – Santa Catarina, 2015, p. 1-14.

FERRI, Mário Guimarães. Apresentação. In: BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Tradução Regina Régis Junqueira. Apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, p. 10.

FLORENCE, Ataliba. Introdução. In: FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007, p. XI-XIX.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A Construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII. Antologia de textos, 1591-1808*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Editora da UNESP, 2012.

LIMA, Carla Oliveira de. *A experiência de campo de Alfred Russel Wallace na Amazônia oitocentista: viagem, ciência e interações*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em História das Ciências e da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2014.

- LOUREIRO, Violeta Refkaletsky. Introdução aos Estudos Amazônicos. In: MOURA, José Mauro Souza & FARIA, Dóris Santos de. (orgs.): Módulo Interdisciplinar, Estudos Integrados da Amazônia. Santarém: Ufopa, 2010, p. 15-35.
- MAGALHÃES, Basílio de. Prefácio. In: WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Notas de Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004, p. 13-16.
- MARTINS, Marcos Lobato. *História e Meio Ambiente*. São Paulo: Annablume, Faculdades Pedro Leopoldo, 2007.
- MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. O relato de viagem – narradores, entre a memória, o fictício e o imaginário, *Gragoatá*, Niterói, n.28, 1º sem. 2010, p. 141-152.
- REIS, Artur César Ferreira. *Santarém: seu desenvolvimento histórico*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Belém: Governo do Estado do Pará, 1979.
- SCHEMES, Elisa Freitas. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. In: *Anais XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios*. Florianópolis – Santa Catarina, 2015, p. 1-13.
- SAFIER, Neil. Como era ardiloso o meu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.29, n.57, 2009, p. 91-114.
- SILVA, Fabrício Herbeth Teixeira da. “Aos nossos olhos europeus”: alimentação dos paraenses nas crônicas de viajantes do século XIX”. *Viagens, Viajantes e Deslocamentos*. Projeto História nº 42. Junho de 2011, p. 373- 390.
- SOUZA, Laura de Melo e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- TAUNAY, Afonso de E. Prefácio. In: FLORENCE, Hércules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007, p. XXI-XXV.
- UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In: GOMES, Flávio & PRIORE, Mary del (orgs.). *Os senhores dos rios. Amazônia, margens e histórias*. Rio de Janeiro: Campus, 2003, p. 3-31.
- VILLANOVA, Simone. *Pescas, piqueniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar dos viajantes do século XIX*. In: CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz de & NORONHA, Nelson Matos de. Org. *A Amazônia dos Viajantes: história e ciência*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011, p. 105-123.

